

VALORES DE MUNDO E VALORES LITERÁRIOS NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

WORLD VALUES AND LITERARY VALUES IN CONTEMPORARY BRAZILIAN POETRY

Recebido: 01/04/2021

Aprovado: 07/07/2021
DOI: 10.18817/rlj.v5i01.2537

Publicado: 30/07/2021

Bruna Ingrid Moreira Campos¹
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3934-2481>

Resumo: Este artigo procura discorrer acerca dos valores literários e valores de mundo, noções delimitadas por Bakhtin, na literatura brasileira contemporânea, embasando-se no contraste que há entre ambos, construindo uma análise do impacto do tempo histórico e do espaço social na poesia brasileira contemporânea, perspectiva notadamente cronotópica. Para tanto, observamos poemas de *meu nome agora é uma cidade devastada* (2020), de Ithalo Furtado e *Lutar é crime* (2019), de Bell Puã. Nos poemas analisados, o tempo e o espaço estão diretamente ligados com a essência humana de seu eu lírico e não podem ser vistos apenas como pano de fundo para o processo de criação dos poetas, mas como determinantes para o resultado formal e temático dos poemas.

Palavras-chave: Poesia contemporânea. Valores de mundo. Valores literários. Cronotopo.

Abstract: This article seeks to discuss the literary values and world values, notions delimited by Bakhtin, in contemporary Brazilian literature, based on the contrast that exists between them, building an analysis of the impact of historical time and social space in contemporary Brazilian poetry, especially in a chronotopic perspective. For that, we selected poems from *meu nome agora é uma cidade devastada* (2020), by Ithalo Furtado and *Lutar é crime* (2019), by Bell Puã. In the analyzed poems, time and space are directly linked to the human essence of their lyrical self and cannot be seen only as a backdrop for the poets' creation process, but as determinants for the poems' formal and thematic result.

Keywords: Contemporary poetry. World values. Literary values. Chronotope.

INTRODUÇÃO

*Se você não sabe onde está indo,
continue, nenhum lugar te espera.
Ithalo Furtado*

Numa breve busca sobre qual seria a melhor definição de “valor”, retorno ao texto sem aquilo que poderia considerar uma boa resposta. Qualquer dicionário apresenta quase duas dezenas de definições possíveis para o termo. *Qualidade pela qual se calcula o merecimento intrínseco ou extrínseco de algo ou alguém.*

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Desenvolve pesquisa de mestrado abordando realismo, regionalismo e poéticas da contemporaneidade vinculada ao Programa de Pós-graduação de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/UFG), com financiamento da CAPES. E-mail: campos.bruna@discente.ufg.br

Qualidade daquilo que tem legitimidade ou validade. Importância de alguma coisa determinada previamente, de modo arbitrário (MICHAELIS, 2021).

Se, quando sozinha, esta palavra pode ser tantas coisas – polissêmica em essência, pode ser tantas outras mais quando avizinhada pelos adjetivos que aqui a cercam.

Pensar valores de mundo e valores literários, entretanto, não é uma missão que busca a sua definição, mas uma observação sensível e atenta que permita-nos analisá-los e descrevê-los.

Neste contexto contemporâneo, latino-americano e, sobretudo, contexto brasileiro, a compreensão de valor literário desencaminha-se por uma estrada opaca, que se desenha curvosa como uma interrogação, especialmente, se for pensada em forma de locução: valor da literatura. Este valor literário, ele de fato existe? Qual o valor da literatura?

A política da poesia

No mundo contemporâneo, o apagamento e silenciamento da literatura ocorrem agenciados, sobretudo, pela lógica do capitalismo. É por esta lógica que a maioria das pessoas ao nosso redor crê que não há tempo ou espaço para a literatura, para a poesia, para a arte - não são úteis. Se elencarmos os silêncios que se impõem às manifestações artísticas deste nosso tempo histórico, percebemos o quanto eles têm estado cada vez mais presente, cada vez mais ensurdecedores, silêncios que, aliás, não se impõem – são impostos.

Essa ditadura da utilidade (LEMINSKI, 1986) é regida por uma burguesia que criou um universo em que todo gesto tem que ser útil. Tudo tem que ter um para quê, desde que os mercadores, com a Revolução Mercantil, Francesa e Industrial, substituíram a nobreza aristocrata no poder. O pragmatismo dos empresários, vendedores e compradores coloca uma etiqueta com preço em cima de tudo – e todos – porque tudo tem que dar lucro.

Há trezentos anos, pelo menos, a ditadura da utilidade é unha e carne com o lucrocentrismo da nossa civilização. O princípio da utilidade corrompe todos os setores da vida, nos fazendo crer que a própria vida tem que dar lucro.

Fazemos as coisas úteis para ter acesso a dons absolutos e finais, como a poesia, a música, o futebol. A luta do trabalhador por melhores condições de vida é,

no fundo, a luta para conseguir gozar daquilo que lhes causa deleite, que ultrapassam os horizontes redutores do útil, do prático e do lucro. E concordo com Leminski quando diz que “coisas inúteis (ou "in-úteis") são a própria finalidade da vida. Vivemos num mundo contra a vida. A verdadeira vida. Que é feita de júbilo, liberdade e fulgor animal”.

A poesia é o princípio do prazer no uso da linguagem. É o núcleo residual de toda forma de arte. É também fruto do acaso e filha do cálculo (PAZ, 1984). Não cabe numa definição redutora e somente ela, em seu exercício, em sua própria execução pode explicar-se.

Na poesia existe uma política que não conflui com a política mais óbvia, sempre polarizada que nossa memória evoca quando se pensa neste arquétipo, polarização tão marcada desse presente imediato de início de século. A política que acompanha a poesia, por sua vez, é labiríntica, profunda e é revolucionária.

A linguagem cotidiana é atravessada por uma impossibilidade de assimilar o choque, o trauma porque este fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem. Não somos capazes de dizer e por isso, também, a literatura importa, porque é por ela que dizemos – falamos por ela e ela fala por nós. Compreender a literatura e os valores literários significa também compreender a totalidade do processo social que ela rege e participa.

Dentre os silêncios impostos pela política contemporânea silenciadora, no entanto, erguem-se algumas vozes que ora gritam, ora pedem socorro; e ouvi-las é como uma tarefa política.

A anunciação poética das catástrofes

Pensando na realidade brasileira, para começo de conversa, convoco ao texto as palavras de Clarice que eternizaram os treze tiros que tiraram a vida de Mineirinho – é claro: antes e depois das palavras de Clarice Lispector, a intervenção policial matou milhares de jovens, notadamente negros e pobres, com requintes de violência. Por isso é preciso, ainda, continuar a gritar. A palavra poética que interroga por que 13 tiros, se só um bastaria para matar?

A resposta circunscreve-se diante do olhar do leitor. Se pensarmos, por exemplo, no rompimento da barragem em Mariana, que aconteceu em 2015, tragédia que deixou 19 pessoas mortas, pouco se lembra que a barragem abrigava

56,6 milhões de m³ lama e 43,7 milhões de m³ vazaram e deixaram 21 toneladas de peixes mortos, devastando completamente a fauna e a flora do ecossistema local, desabrigando o distrito inteiro de Bento Rodrigues, na cidade de Mariana, pessoas e histórias que não se recuperaram. Foi o maior desastre ambiental do Brasil e, ainda assim, pouco se lembra dele e, menos ainda, se fala.

Como se pode esquecer de algo que tanto machucou? É o tal silêncio imposto. A dificuldade em falar. Em lembrar. Em narrar. É de interesse direto daqueles no poder, tanto das empresas responsáveis como do próprio governo, – que não se fale sobre isso, a ponto de não medirem esforços para controlar o que se fala e quanto se fala sobre isso.

Apenas quatro anos depois, em 2019, o rompimento de outra barragem em Brumadinho deixou 259 pessoas mortas e 11 pessoas desaparecidas. Pode-se afirmar com angústia que se os responsáveis pela tragédia de Mariana tivessem sido punidos, a tragédia de Brumadinho não teria acontecido.

“O livro que temos nas mãos é um espelho que denuncia nossos fracassos”, diz o prefácio de *Meu nome agora é uma cidade devastada* (2020), de Ithalo Furtado. No livro de poemas, ora em versos, ora em prosa, o poeta nos leva a assistir à destruição da esperança inútil de qualquer transformação, retorno ou punição.

A este mundo com valores absolutamente controversos – literalmente – muito pouco, ou quase nada, importa a vida, as subjetividades e as vozes dessas pessoas. A cidade massacra. Mata. Corrompe. Desumaniza. Há um esforço arquitetado de forma generalizada para ninguém que ninguém as ouça, para que ninguém veja onde estão. Mais do que isso, há um agenciamento que atua para que não falemos. Sobre isso, lemos no poema “#volta 2”, de Ithalo Furtado:

#volta 2

colocasse um pássaro no meu ombro
eu que já não faço distinção entre os pesos que carrego
ainda sim manteria viva a denúncia
estou cansado? tenho medo?

bate um desespero, uma coisa, bicho
é como aquietar velhas ampolas
a gente transa coisas tão bonitas
mas os supermercados mas as igrejas
mas os preceitos mas os costumes

tudo volta com a força que a pedra confere
ao mar que imediatamente não a quebra

tudo volta com a mesma importância
do canal aleatório de baixa audiência

tudo volta como os documentos descartados na esquina
pelo assaltante em estado de cólera

tudo gira cala & volta
o tempo refaz sua tatuagem
com a ponta de um cigarro abandonado por fim

A devastação da cidade vem de inúmeras formas e atinge aqueles vivem nela de todas as formas. Quando não materialmente, como no caso mencionado anteriormente, a cidade, o sistema, o cansaço vencem quem vive nesse espaço e mata cada um aos poucos. O eu-lírico do poema não deixa de tratar do cansaço, do desespero e da angústia que a cidade lhe impõe. A representação do tempo e do espaço é tátil no poema. Na *Teoria do romance* (2002), Bakhtin trata do cronotopo para analisar a natureza das categorias de tempo e espaço representados nos textos.

O conceito de cronotopo é concebido em analogia com os estudos da teoria da relatividade realizados por Albert Einstein, transfigurado para a literatura, segundo o próprio Bakhtin, como uma “quase metáfora”. O cronotopo funciona como uma ferramenta capaz de avaliar como o tempo e o espaço são articulados em correlação em uma determinada época a partir dos gêneros textuais, texto e outros elementos. No cronotopo artístico-literário, ocorre uma fusão de indícios espaciais e temporais que emergem no texto e podem ser depreendidos.

A representação do tempo une-se à do espaço como uma metáfora que se faz real: o tempo se faz visível e o espaço responde a esta visibilidade dos movimentos do tempo e do enredo. Os significados tomam a forma de um signo audível e visível (BAKHTIN, 2002, p. 258).

A representação é física, é sísmica e pode ser sentida, tanto por quem a lê como por quem a escreve. Além das palavras dos poetas, estas representações revelam sobre o momento holístico que ali se vive.

Um verso de Ithalo questiona: *quem é que pesa os estragos?*

Para representar isso, nos versos prosaicos que marcam toda a produção do livro, Ithalo parece convocar uma volta no título do poema, quase como um apelo. O eu-lírico que fala da cidade parece estabelecer um diálogo consigo quando tenta

compreender o sentimento que o preenche “estou cansado? tenho medo?”. O poema grita sobre sonhos que parecem ter sido usurpados por essa dinâmica utilitarista que é atravessado pela conjunção adversativa: “mas os supermercados mas as igrejas / mas os preceitos mas os costumes”. Não sobram nos versos espaço para a vírgula, para o respiro. E ao mesmo tempo que cada um dos elementos represente uma adversidade em si – os supermercados, as igrejas, os preceitos, os costumes – a aliteração da repetição da conjunção assemelha-se ao “mais” aditivo, que grita o acúmulo somado das cobranças e/ou expectativas de cada uma dessas entidades.

A “volta” do título chega a confundir o leitor que pode acreditar que ela é um convite ao retorno, quando os versos revelam que a volta a que o poeta se refere é o ciclo, a repetição que o prende nos mesmos ciclos da cidade, como a violência urbana e os documentos roubados deixados numa esquina como forma de solidariedade.

Ainda que tendo sido roubada, nessa cidade devastadora, os documentos que definem quem é e o que pode fazer aquela pessoa, a sequência de números que dizem exatamente quem aquele sujeito é, são mais importantes que qualquer bem material que tenha sido roubado. E isso segue se repetindo. Segue voltando e o massacrando.

É importante acrescentar ainda que o eu lírico do poema de Ithalo fala sobre um sentimento que parece ser comum de tantos outros habitantes dessas cidades devastadas. O sentimento partilhado da desesperança. O poema não expressa tão somente as suas emoções e experiências individuais (ADORNO, 2003). Sua angústia torna-se essencialmente artística ao adquirir a forma estética e conquistar sua participação no universal.

A universalidade que acredito haver na poesia de Ithalo, ainda em sintonia com Adorno (2003), não é uma *volonté de tous*. Não creio que o poema represente, entretanto, a comunicação básica daquilo que outros não são capazes de comunicar. Ao contrário, o mergulho nas suas mais pessoais aflições e individuais eleva o poema ao universal justamente porque manifesta algo não distorcido, mas natural e sincero (ADORNO, 2003).

A política socioeconômica que rege o Brasil, aliada da modernidade e do capitalismo, é transpassada pelo discurso neoliberal, que no plano da história recente começou a fincar-se desde que o país ficou dividido entre o discurso ‘liberal-

social', representado pela figura de Collor e o discurso popular e democrático, representado pela figura de Lula.

Neste curto intervalo de tempo histórico, em termos de direcionamento político, o Brasil vivenciou extremos de desigualdade social e cobranças que recaem sobre a população, sendo que a que estava no topo lá se manteve, mas as que estavam abaixo, estagnaram-se ali ou simplesmente decaíram.

A literatura toma formas específicas de expressão a partir da relação com o contexto social e histórico em que se insere. Na poesia contemporânea, sobretudo, na poesia ocidental, a forma poética dominante é o verso livre. Não poderíamos assegurar, então, que haja qualquer revolução numa poesia baseada no fato de que sua escanção não caiba em qualquer métrica, seja qual for.

Na poesia brasileira, o verso livre representou uma revolução poética no vigor do movimento modernista, nas décadas de 20 e 30. Na década de 40, o próprio modernismo já aceito pela literatura não representava qualquer abalo na estrutura do sistema literário que se movia no país – o que não quer dizer, é claro, que não há valor na produção desta época. É certo somente que o impacto de um poema escrito em versos livres no tempo anterior representava algo categoricamente maior em relação ao que representaria a partir de então.

A julgar pelo entendimento de Georg Lukács, “o verdadeiramente social da literatura é a forma” (LUKÁCS, 1992, p. 174). Num contexto contemporâneo, isso significaria, portanto, que um soneto clássico ou uma sextilha seria mais revolucionário do que um poema escrito disposto livremente sobre o papel?

Não me proponho neste texto a sanar esta interrogação. O que posso afirmar, no entanto, é que a poesia é revolucionária por natureza (PAZ, 1984) e a poesia verdadeira, a que move, a que inspira, tem encontrado outros caminhos para reinventar-se e causar o impacto revolucionário que lhe é próprio.

Como posto anteriormente, a literatura não se resume a um saber ilustrativo, mas a um campo específico de reflexão acerca do mundo histórico no qual ela se inscreve. Por meio da literatura, portanto, é possível compreender a sociedade.

Em 2020, Bell Puã foi uma das finalistas de um dos maiores prêmios literários do Brasil, na categoria Poesia em 2020, o prêmio Jabuti. A poesia de Bell

Puã é marcada por traços incisivos da oralidade, visto que a poesia de Bell Puã é, antes de tudo oral, tendo em vista seu percurso como *slammer*².

Os versos de um dos poemas de *Lutar é crime* (2019), de Bell Puã tratam desta questão.

às vezes a revolução
toma forma de frase
no meio da estrada
em vidro de caminhão
outro dia umas palavras
chamaram minha atenção
diziam sem arrogância
a qualquer estranho que lesse
“jesus te ama
e eu também”

O impacto da literatura, a manifestação crítica, o reflexo da sociedade, do tempo histórico: tudo “toma forma de uma frase”. O grito irregular do poema de Bell conta uma história breve, sob o olhar de alguém que pouco provavelmente acreditaria na verdade posta no penúltimo verso, mas que acreditaria, sem sombra de dúvida, a ausência de arrogância do sétimo verso.

A religião é o ópio do povo? Que seja. Para outros, a poesia é o ópio. Para alguns, o próprio ópio é o ópio. O que nos circunscreve, e por vezes sufoca, às vezes propicia as mais básicas reflexões e questionamentos, que nos levam além, muitas vezes, do que esperamos de nós mesmos. A poesia brota da realidade e das dores dela.

Por isso, também, para ser lida, a poesia precisa de lugar e de tempo – mas precisa também de quem a leia e, mais ainda: de quem a compreenda. Entre tantos temas que Bell Puã trata em sua poesia, também aborda este espaço: o lugar do leitor.

de que adianta
ter fala bonita
se só quem entende
é uma gente
tão restrita?

² A poeta foi campeã do SLAM BR 2017 e representou o país na Copa Mundial de Slam de 2018, que aconteceu em Paris. *Lutar é crime* é uma alusão ao livro de Marcelino Freire, *Amar é crime*, publicado em 2011, materializando a influência e relação entre o autor e a poeta.

O ser humano organiza suas experiências através das representações do mundo criadas a partir de categorias de tempo e espaço, que são inseparáveis (BAKHTIN, 2002). Tais categorias têm natureza histórica, “pois diferentes povos têm formas distintas de conceber o tempo e o espaço” (BASTOS NETO, 2012, p. 110).

A poesia precisa ser compreendida por aqueles que a leem e trata de uma questão essencial: quem fala, fala para quem? A revolução da poesia depende tanto de quem a lê quanto de quem a escreve.

Em tempos de crise de valores, como os atuais, é urgente que encontremos espaços onde a crítica e a resistência possam caminhar sem constrangimentos e silenciamentos. A literatura constitui ainda um desses espaços, dada sua irreduzibilidade a outro saber e sua recusa em participar da departamentalização do conhecimento (ADORNO, 2009).

Na literatura há um espaço de potência de um universo que não se resume ao que existe, de uma realidade que não se extingue no atual, “de fragmentos de futuro na paralisia do presente” (HILÁRIO, 2017, p. 104).

Tradicionalmente, quando ouvimos falar nas escolas, ou mesmo nos cursos de Letras, sobre obras consagradas e atemporais, esta fala vem acompanhada de qualquer complemento equivocado que deixe a entender que esta obra transcende suas condições históricas e, por isso, consagrou-se, quando, na verdade, a temporalidade e a história que cerca cada obra literária é um fator constituinte tanto quanto a própria letra. O contexto que circunscreve cada obra a conduz a mão do autor.

Considerações finais

No Brasil deste começo de século XXI, passamos por uma crise econômica grandiosa e alguns cortes precisam ser feitos na economia familiar. Num orçamento familiar que, hoje, é submetido a bancar itens básicos de sobrevivência, como o gás de cozinha com custo de quase três dígitos, com preços insustentáveis, dificilmente pode dedicar-se a participar do mercado que envolve a literatura, onde um livro custa, em média, 30 reais. A literatura não é priorizada, portanto, como alternativa de entretenimento ou de aprendizado, visto que a internet ou outras formas de entretenimento ocupam esses locais.

O objetivo mais amplo deste texto é, antes de tratar sobre os poemas de Bell Puã ou de Ithalo, pensar de forma contrastiva os valores de mundo e os valores literários no contexto contemporâneo brasileiro.

A intenção é evidenciar a importância da literatura no entendimento do período histórico atual caracterizado por uma regressão profunda, que inteiramente a rejeita e massacra qualquer sujeito que desviar o olhar sensível com alguma sensibilidade que enxergue além da superficialidade que quer que estes sujeitos não vivam, apenas sobrevivam.

Os elementos do tempo na literatura se revelam no espaço e o espaço pode ser percebido por meio do tempo. O poema nos deixa sinais claros de que lugar é este que se fala e que tempo é este de quando se fala. Esta fusão espaço-temporal é o cronotopo, que proporciona ao tempo tornar-se artisticamente visível e que o espaço responda aos movimentos do tempo e da poesia.

Segundo Bastos Neto, o cronotopo “torna-se uma forma de expressão das representações sociais que sustentam as ações e que revelam conceitos morais, sociais, psicológicos e ontológicos num determinado contexto” (2012, p. 111).

No nosso tempo e no nosso espaço atual, o discurso e a literatura são nossas armas principais para denunciar o que querem os homens no poder e podem também ser usadas para desmascará-los ou, mesmo, para tirar o seu sossego.

É importante contaminar a escrita em busca do desmascaramento de um processo autoritário que busca silenciar qualquer voz que cante fora do tom imposto.

A poesia não precisa ser nada, mas é muita coisa. A poesia não serve para nada, mas pode servir para muita coisa. Mas além disso, e mais importante do que tudo isso, a poesia não serve a ninguém. A palavra poética não se dobra diante dos interesses que tentam manipulá-la: dribla-os. Não chegam sequer a constituir lhe obstáculos, tamanha sua força.

Nos termos que furto do prefácio de Marcelino Freire para *Lutar é crime*, posso afirmar, sem dúvidas, que Bell é Bélica, e com suas palavras finda-se este texto.

que a rebeldia abençoe
nossas mentes
a língua formal
não encontre
mais forma
para existir

e a mesóclise vá
pruma galáxia
anos-luz daqui

a tal da sapiência
só se absorve
quando se é
por inteiro
não intelecto
de aparência
relegados ao
debate de
... imanência e
transcendência...

intelectuais estão
ao lado de quem
não tem citação famosa
nem menção honrosa
nos livros e avenidas

nossas instituições
de ensino
têm tanto
a aprender
despertar a consciência
de classe
sobre não reproduzir
uma classe
intelecto all

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Palestra sobre lírica e sociedade. Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.

ADORNO, Theodor W. *A dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAKHTIN, Mikhail M. Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica). *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, p. 211-362, 2002.

BASTOS NETO, Adalberto. *O Espaço, o tempo e o ser: uma análise cronotópica do romance Galileia*. *Estação Literária Londrina*, Volume 10A, p. 108-119, dez. 2012 ISSN 1983-1048. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10A-Art8.pdf>. Acesso em 12 fev. 2021.

FURTADO, Ithalo. *Meu nome agora é uma cidade devastada [ou tango, blues & medo]*. Bragança Paulista: Editora Urutau, 110p, 2020.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. *Consciências literárias da crise: literatura em tempos de turbulência social*. *Anu. Lit.*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 99-115, 2017. ISSN 2175-7917

LEMINSKI, Paulo. *Inutensílio*. In *Anseios Cripticos*, Ed. Criar, Curitiba, PR, p. 58-60, 1986.

LUKACS, Georg. *Reflexões sobre a sociologia da literatura*. In: LUKACS, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1992.

VALOR. In: *MICHAELIS, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2021.

PAZ, Octavio, *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PUÃ, Bell. *Lutar é crime*. Belo Horizonte: Letramento, 86p, 2019.